



Psicologia & Sociedade

ISSN: 0102-7182

revistapsisoc@gmail.com

Associação Brasileira de Psicologia Social
Brasil

Gouveia, Valdiney V.; Diógenes de Medeiros, Emerson; de Carvalho Mendes, Luís Augusto; Correa Vione, Kátia; Aguiar Athayde, Rebecca Alves

CORRELATOS VALORATIVOS DE ATITUDES FRENTE À TATUAGEM

Psicologia & Sociedade, vol. 22, núm. 3, septiembre-diciembre, 2010, pp. 476-485

Associação Brasileira de Psicologia Social
Minas Gerais, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309326440008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

CORRELATOS VALORATIVOS DE ATITUDES FRENTE À TATUAGEM* *VALUE CORRELATES OF ATTITUDES TOWARD TATTOO*

Valdiney V. Gouveia

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil

Emerson Diógenes de Medeiros

Universidade Federal do Piauí, Parnaíba, Brasil

Luís Augusto de Carvalho Mendes, Kátia Correa Vione

e Rebecca Alves Aguiar Athayde

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil

RESUMO

Este estudo objetivou conhecer em que medida os valores explicam as atitudes frente à tatuagem e estas, por sua vez, predizem a intenção de tatuar-se. Participaram 263 estudantes universitários de João Pessoa, com idade média de 20,7 anos, a maioria homem (54,7%) e solteira (91%). Estes responderam a *Escala de Atitudes frente à Tatuagem*, o *Questionário dos Valores Básicos* e perguntas demográficas (idade, sexo, religiosidade). Os resultados indicaram atitudes dos participantes mais negativas frente à tatuagem, sobretudo aqueles de ciências exatas e naturais. Comprovou-se a adequação de um modelo triádico, onde os valores predisseram as atitudes frente à tatuagem e, estas, a intenção de tatuar-se. Especificamente, a subfunção normativa promoveu atitudes negativas frente à tatuagem, enquanto a subfunção experimental favoreceu aquelas mais positivas. Conclui-se que as atitudes frente à tatuagem têm base valorativa, explicando a intenção de tatuar-se. Sugeriram-se pesquisas futuras que contribuam para explicar as atitudes frente à tatuagem.

Palavras-chave: valores; atitudes; tatuagem; modificação corporal.

ABSTRACT

This study investigated the extent to which values explain the attitudes towards tattoos and these, in turn, predict the intention of tattooing. Participants were 263 undergraduate students from João Pessoa (Brazil), with mean age of 20.7 years, mostly men (54.7%) and unmarried (91%). They answered the Attitudes toward Tattoo Scale, the Basic Values Survey and demographic questions (age, gender, and religiosity). Results indicated that the participants' attitudes toward tattooing were predominantly negatives, especially among students of natural and exact sciences. The adequacy of a triadic model was proved, where human values predicted attitudes toward tattooing and these, the intention of getting tattooed. Specifically, the value subfunction normative promoted negative attitudes toward tattooing, while the subfunction excitement favored more positive attitudes. In conclusion, attitudes toward tattooing have a value basis, accounting for people intention of getting tattooed. Future research is suggested to contribute on the explanation of attitudes toward tattooing.

Keywords: values; attitudes; tattoo; body modification.

Desde tempos remotos o homem se submete a práticas diversas de transformações corporais, a exemplo da colocação de *piercings*, escarificações e realização de tatuagens (Teixeira, 2006). A propósito, existem evidências arqueológicas de marcações corporais já em sociedade primitivas, datando de 2.500 a.C. uma das mais antigas encontradas; esse achado correspondeu à descoberta da múmia Ötzi (homem de gelo), em 1991,

por turistas alemães. Análises anatômicas avançadas de tal múmia permitiram verificar que ela apresentava 57 tatuagens lineares nas costas e atrás dos joelhos (Nedden et al., 1994). Porém, o uso de tatuagens não se reduziu àquela época; indica-se que essa é atualmente uma das formas de modificação corporal mais conhecidas e cultuadas na maior parte dos países do Ocidente (Armstrong, 1991; Atkinson, 2002). Trata-se

de um desenho “permanente” feito na pele humana, compreendendo, em termos técnicos, uma aplicação subcutânea obtida por meio de introdução de pigmentos por agulhas (Armstrong, 1991).

O uso de tatuagem tem aumentado visivelmente nos Estados Unidos, sendo esse fato constatado, principalmente, entre jovens e mulheres. Armstrong (1991) afirma que já na década de 1980 a cada três pessoas que se tatuavam, duas eram mulheres. Dados das duas últimas décadas informam que cerca de 10% a 20% dos homens e 10% das mulheres nesse país usam tatuagens (Anderson, 1992; Greif, Hewitt, & Armstrong, 1999; Hawkes, Senn, & Thorn, 2004). Consulta realizada no Google (2009), utilizando como expressão-chave “uso de tatuagem”, restringindo a busca a “páginas do Brasil”, permitiu identificar 145 referências. Entretanto, não se constatou qualquer indicação específica quanto ao quantitativo de brasileiros que usam tatuagens. Porém, presume-se, a partir de observações quotidianas, que se verifica padrão similar dessa prática entre os brasileiros.

Apesar do aumento constatado e/ou presumido do uso de tatuagem, é possível que tal prática seja vista ainda com reserva por algumas pessoas, sugerindo que pode ser uma “coisa” de grupos marginalizados, levando a reações negativas e preconceituosas frente àqueles que usam esse adorno no corpo (Estephen, Durkin, Parry, Turbett, & Odgers, 1996; Stuppy, Armstrong, & Casals-Ariet, 1998). Portanto, usar tatuagem pode ser motivo de conflito interpessoal, discriminação e exclusão social por parte de alguns. Mas, quem são as pessoas que se mostram contrárias ao uso de tatuagem? A resposta para essa pergunta pode ser dada, por exemplo, a partir da caracterização demográfica de tais pessoas. Não obstante, considerando ser esse um posicionamento “moralista”, tradicional, parece igualmente necessário conhecer em que medida suas prioridades axiológicas poderiam contribuir para explicar tal rejeição ao uso de tatuagens. Esse aspecto motivou o presente estudo. Antes de descrevê-lo, contudo, parece prudente abordar o uso de tatuagem como objeto de estudo e compreender a perspectiva teórica assumida acerca dos valores humanos.

O uso de tatuagem como objeto de estudo

O estudo do comportamento de usar tatuagem e das atitudes frente a esse tipo de modificação corporal vem sendo de interesse de áreas diversas de conhecimento, a exemplo da antropologia (Pérez, 2006; Sabino & Luz, 2006), sociologia (Vail, 1999) e psicologia (Grumet, 1983; Houghton, Durkin, Parry, Turbett, & Odgers, 1996). Entretanto, constata-se que, em termos numéricos, a prevalência dos estudos tem sido notória no âmbito da saúde, em áreas como enfermagem e medicina (Armstrong, 1991; Armstrong, DeBoer, &

Cetta, 2008; Armstrong & Murphy, 1997; Lick, Edoize, Woodside, & Conti, 2005; Satchithananda, Walsh, & Schofield, 2001; Shebani, Miles, Simmons, & De Giovanni, 2007). Nesse contexto, têm sido tratados, principalmente, temas relacionados com cuidados médicos (prevenção e complicações, por exemplo).

Em publicação recente, Armstrong et al. (2008) relatam a relação entre o uso de tatuagens e *piercing* com a presença de sérias cardiopatias congênitas, na maioria das vezes mortais. O uso de tatuagem e/ou *piercings* é pensado como a (possível) causa principal de complicações para essa doença, que se trata de uma infecção cardíaca, chamada de endocardite infecciosa, em que o primeiro caso, comprovadamente relacionado com o ato de tatuar-se, foi apenas recentemente relatado (Satchithananda et al., 2001). Nesse sentido, estudos mais recentes vêm sendo realizados para comprovar essa relação (Cetta, Graham, Lichtenberg, & Warnes, 1999; Lick et al., 2005; Shebani et al., 2007).

Nesta mesma linha que considera aspectos da saúde relacionados com o uso de tatuagem, Braithwaite, Robillard, Woodring, Stephen e Arriola (2001) afirmam que homens tatuados fumam mais cigarros e têm mais parceiras sexuais, e as mulheres tatuadas são mais comumente usuárias de álcool e outras drogas psicotrópicas. A partir de um enfoque mais social, Deschesnes, Finès e Demers (2006) asseveram que jovens que usam tatuagem e/ou *piercing* incorrem num “risco natural” de apresentarem comportamentos socialmente desviantes; afirmam ainda que alguns dos fatores que contribuem para a inclinação juvenil ao uso de tatuagens e *piercings* são o uso de drogas, as atividades ilegais, a afiliação com gangues e os problemas com jogos de azar.

Buscando conhecer os fatores que influenciam as atitudes frente a tatuados, especificamente mulheres tatuadas, Hawkes et al. (2004), variando o “tamanho” e a “visibilidade” de tatuagem usada por uma mulher, observaram que tanto homens como mulheres tiveram atitudes mais negativas frente a mulheres com tatuagens visíveis; no caso da variável tamanho da tatuagem, essa foi uma boa preditora das atitudes apenas por parte de homens e mulheres que não usavam tatuagens.

O estudo das atitudes frente à tatuagem é importante para o entendimento de comportamentos diversos, como os de risco (Armstrong & Murphy, 1997; Carrol, Rifferburgh, Roberts, & Myhre, 2002), crenças religiosas (Koch, Roberts, Armstrong, & Owen, 2004a, 2004b), uso de substâncias psicotrópicas (Braithwaite et al., 2001; Brooks, Woods, Knight, & Shrier, 2003; McCarron, 1999), agressão (Putnins, 2002), comportamentos não-saudáveis (Huxley & Grogan, 2005), promoção de saúde (Stuppy et al., 1998), atividade sexual pré-marital (Koch, Roberts, Armstrong, & Owen, 2005, 2007) e contaminação por HIV (Beyrer et al., 2003).

Destaca-se também que, comumente, pessoas que usam desenhos na pele fazem uso de outras formas de adornamento invasivo, a exemplo de *piercing* (Armstrong, 2005; Stuppy et al., 1998).

Como anteriormente foi anunciado, a prática de tatuar-se ou possuir uma tatuagem pode suscitar reações diversas por parte das pessoas. Embora não tenham sido encontrados dados que permitam uma comparação no Brasil (Google, 2009), é possível que hoje as pessoas sejam menos resistentes ou adversas a essa forma de modificação corporal, principalmente em razão da convivência com pessoas próximas que recorrem a tal prática. Entretanto, observações e conversas corriqueiras com tatuados(as) evidenciam cenários diversos de seu retraimento em algumas ocasiões, fruto do presumível preconceito e reações adversas, sobretudo em contextos mais formais. Nesse sentido, hipotetiza-se que os valores das pessoas podem ter um papel importante na explicação das atitudes frente à tatuagem e essas, por sua vez, são preponderantes no momento de decidir (intenção) fazer uma tatuagem. Antes de descrever o estudo que permite colocar à prova esta hipótese, descreve-se a perspectiva teórica assumida acerca dos valores humanos.

Teoria funcionalista dos valores humanos

Os valores têm sido amplamente estudados, justificando-se este fato em razão de serem importantes no processo seletivo de ações humanas (Rokeach, 1973), constituindo-se um construto preponderante para o entendimento de muitos fenômenos sociopsicológicos (Bardi & Schwartz, 2001). Embora existam modelos teóricos sobre os valores humanos que são mais amplamente conhecidos (Ros, 2006; ver, por exemplo, Inglehart, 1991; Schwartz, 1994), opta-se por um que conta com evidências suficientes de sua adequação no contexto brasileiro, sendo mais parcimonioso e integrador que os previamente existentes (Gouveia, 2003; Santos, 2008).

O marco de referência compreende a *teoria funcionalista dos valores humanos*, amplamente detalhada em Gouveia, Fischer, Milfont e Santos (2008). Gouveia et al. (2008) partem de três pressupostos teóricos para a definição dos valores: (a) assumem a natureza benevolente do ser humano; (b) admitem que os valores são representações cognitivas das necessidades individuais, demandas da sociedade e institucionais, que restringem os impulsos pessoais e asseguram um ambiente estável e seguro; e (c) consideram como apropriado tratá-los como terminais, ou seja, expressam um propósito em si, sendo definidos como substantivos. O modelo desses autores se centra nas funções dos valores, que têm recebido pouca atenção na literatura (Allen, Ng, & Wilson, 2002).

Gouveia (2003; Gouveia et al., 2008) identificou duas funções primárias consensuais dos valores: eles guiam as ações do homem (*tipo de orientação*; Rokeach, 1973; Schwartz, 1994) e expressam suas necessidades (*tipo de motivador*; Inglehart, 1991). Rokeach (1973) concebeu que os valores terminais se dividem em *sociais* (aqueles de caráter interpessoal; por exemplo, amizade verdadeira) e *pessoais* (têm foco intrapessoal; por exemplo, harmonia interior). Entretanto, Gouveia (2003) observou que alguns valores se localizam entre e são congruentes com os *pessoais* e *sociais*; tais valores foram denominados como *centrais* (por exemplo, sobrevivência, maturidade), representando o eixo motivador ao longo do tipo de orientação.

Apesar de não existir uma correspondência estrita entre necessidades e valores, estes podem ser pensados como expressões das necessidades humanas (Gouveia, 2003; Inglehart, 1991). Portanto, todos os valores podem ser classificados como sendo *materialistas* (pragmáticos) ou *humanitários* (idealistas). Valores materialistas referem-se a ideias práticas, e a ênfase nesses valores implica uma orientação para metas específicas e regras normativas. Valores humanitários, por outro lado, demonstram uma orientação universal, baseada em ideias e princípios mais abstratos. Tais valores são coerentes com um espírito inovador, sugerindo menos dependência de bens materiais.

As duas dimensões funcionais dos valores formam dois eixos principais: *tipo de orientação* e *tipo de motivador*, que são combinados em uma estrutura três por dois, ou seja, com três critérios de orientação (social, central e pessoal) e dois tipos de motivadores (materialistas e humanitários). O cruzamento desses eixos permitiu identificar seis subfunções valorativas, resumidamente descritas a seguir (valores específicos listados entre parênteses):

Experimentação (emoção, prazer e sexualidade). Esta subfunção representa o motivador humanitário, mas com uma orientação pessoal. Os valores que a integram favorecem a promoção de mudança e inovação na estrutura das organizações sociais.

Realização (êxito, poder e prestígio). Está formada por valores que expressam o motivador materialista, com orientação pessoal. As pessoas orientadas por tais valores são focadas em realizações materiais e buscam a praticidade em decisões e comportamentos.

Existência (estabilidade pessoal, saúde e sobrevivência). Reúne valores compatíveis com as orientações social e pessoal, situando-se no domínio motivador materialista; o propósito principal é assegurar as condições básicas de sobrevivência biológica e psicológica.

Suprapessoal (beleza, conhecimento e maturidade). Os valores desta subfunção apresentam orientação central e motivador humanitário. Reconhecidamente, os

seres humanos possuem uma necessidade biológica por informação (curiosidade) que os conduz a uma melhor compreensão e domínio do mundo físico e social. Essa característica é representada por tal subfunção.

Interativa (afetividade, apoio social e convivência). Os valores desta subfunção permitem representar as necessidades de pertença, amor e afiliação, promovendo o estabelecimento e a manutenção das relações interpessoais por parte do indivíduo. Representa o motivador humanitário com orientação social.

Normativa (obediência, religiosidade e tradição). Compreende uma orientação social, sendo focada em regras sociais, e um motivador materialista, que reflete a importância da preservação da cultura e das normas sociais. Seus valores enfatizam a vida social, a estabilidade grupal e o respeito por símbolos e padrões culturais que prevaleceram durante anos; a obediência é valorizada acima de qualquer coisa.

Esse modelo teórico permite pensar nos valores como explicação das atitudes frente à tatuagem. Especificamente, estima-se que a importância atribuída a valores *normativos* (por exemplo, *tradição, religiosidade*), que evidenciam uma orientação social, e motivador materialista endosse atitudes mais desfavoráveis ao uso de tatuagem. Contrariamente, os indivíduos que dão mais prioridade aos valores de *experimentação* (por exemplo, *emoção, prazer*), que descreve uma orientação pessoal e motivador humanitário, podem apresentar atitudes mais favoráveis ao uso desse tipo de modificação corporal. Portanto, esses princípios valorativos podem implicar promover a manutenção do *status quo* versus admitir formas não tradicionais de vida, respectivamente (Gouveia, 2003; Gouveia et al., 2008).

O padrão presumível de relação dos valores com as atitudes frente à tatuagem toma como referência alguns estudos que têm sido publicados sobre temas correlatos. Por exemplo, a religiosidade, que pode ser compreendida como um dos valores *normativos* (Gouveia, 2003; Gouveia et al., 2008), correlacionou-se negativamente com usar uma tatuagem, interesse por tatuagens e intenção de fazer uma tatuagem (Koch et al., 2004a, 2004b). Por outro lado, se for encarado o uso de tatuagem como uma “aventura”, um ato de busca de excitação, novidade, parece coerente esperar que esse se pautar em valores de *experimentação* (Vasconcelos, 2004).

Enquanto parece razoável pensar nos valores como antecedentes das atitudes frente à tatuagem ou ao seu uso, teoricamente é menos provável que os valores influenciem diretamente o comportamento ou sua intenção (Rokeach, 1973). No caso, parece mais provável que as atitudes sejam as melhores preditoras da intenção de usar tatuagem, como é possível admitir a partir do modelo de Ajzen e Fishbein (Ajzen, 2001;

Ajzen & Fishbein, 2005; Ajzen & Sexton, 1999). Isso é consistente com o modelo hierárquico valores → atitudes → intenção comportamental, que tem sido proposto (Homer & Kahle, 1988) e testado (Milfont, Duckitt, & Wagner, no prelo).

Em resumo, a prática de usar tatuagens é bastante antiga, porém cada dia mais vigente em diversos países, incluindo o Brasil. Apesar disso, pode suscitar ainda atitudes desfavoráveis por parte de algumas pessoas, sendo escassos os estudos que procuram explicar esse aspecto. Partindo da concepção de que a decisão de usar ou não tatuagem pode ser também uma questão axiológica, pensou-se realizar o presente estudo. Seu objetivo principal foi conhecer os correlatos valorativos das atitudes frente à tatuagem, verificando, ademais, em que medida essas podem explicar a intenção de tatuar-se.

Método

Amostra

Contou-se com a participação de 263 estudantes de uma universidade pública de João Pessoa (PB). O tamanho desta amostra é justificável por permitir análises estatísticas mais robustas (Watkins, 1989). Esses participantes tinham em média 20,7 anos de idade ($dp = 3,60$; amplitude de 16 a 54 anos), sendo a maioria do sexo masculino (54,7%), solteira (91%) e de classe socioeconômica média (60,8%). Os que indicaram ser “religiosos” a “totalmente religiosos” totalizaram 42,6%, enquanto que foram 31% os que se consideraram “moderadamente religiosos”. Eles foram recrutados de três grandes áreas: ciências humanas (curso de psicologia, 17,1%), ciências exatas e naturais (cursos de matemática, engenharia mecânica e física, 12,1%) e ciências da saúde (curso de fisioterapia, 10,5%). Tratou-se de uma amostra de conveniência (não probabilística), procurando diversificar os participantes em razão da área de conhecimento.

Instrumentos

Escala de Atitudes frente à Tatuagem (EAFt). Esta medida foi elaborada e validada no contexto brasileiro por Medeiros, Gouveia, Pimentel, Soares e Lima (2009). Está composta por 10 itens (pares de adjetivos), devendo ser respondidos em uma escala de diferencial semântico de cinco pontos (+2 a -2, tendo o 0 “zero” como ponto médio da escala). Tais itens, que procuram apreender a avaliação atitudinal acerca de “estar usando uma tatuagem”, são descritos como seguem: Positivo / Negativo, Agradável / Desagradável, Desejável / Indesejável, Bonito / Feio, Delicado / Agressivo, Certo / Errado, Responsável / Irresponsável, Adequado /

Inadequado, Pacífico / Rebelde e Convencional / Anti-convencional. Essa escala apresentou parâmetros psicométricos aceitáveis, revelando uma estrutura unifatorial cuja consistência interna (Alfa de Cronbach) foi acima de 0,90 em duas amostras independentes.

Questionário dos Valores Básicos (QVB). Esta é uma medida elaborada por Gouveia (2003), constando de 18 itens ou valores específicos (por exemplo, **Afetividade**. *Ter uma relação de afeto profunda e duradoura*; **Tradição**. *Seguir as normas sociais do seu país*). Tais itens são respondidos em escala de sete pontos, com os seguintes extremos: **1 = Nenhuma Importância** e **7 = Extremamente Importante**, indicando-se o grau de importância que cada valor tem como um *princípio-guia* na vida da pessoa. Existem evidências de que essa medida permite operacionalizar as seis subfunções valorativas sugeridas pela teoria que a embasa (*hipótese de conteúdo*), assim como apreender a estrutura dinâmica dos valores (*hipótese de estrutura*) (Gouveia et al., 2008).

Informações demográficas. Todos os participantes responderam perguntas de natureza demográfica (por exemplo, sexo, idade, religiosidade). Adicionalmente, esses responderam duas perguntas que podem contribuir para compreender sua intenção de tatuar-se: *Na sua opinião, o quanto seria provável você se interessar por tatuagens? Na sua opinião, o quanto seria provável você fazer uma (ou mais) tatuagem?* Nesse caso, as duas perguntas eram respondidas de acordo com uma escala de cinco pontos, variando de **1 = Extremamente improvável** a **5 = Extremamente provável**. A intenção de tatuar-se foi definida pelo somatório das respostas para tais perguntas.

Procedimento

Para a realização da coleta de dados, foram contatados os diretores de Centros da Universidade. Após o consentimento da direção, a aplicação foi efetuada por três bolsistas de Iniciação Científica (IC), previamente treinados, do curso de Psicologia de uma instituição pública. Esses foram instruídos a seguir o procedimento padrão para coleta de dados, compreendendo a distribuição de questionários autoaplicáveis, limitando-se a dar as instruções gerais dos instrumentos e colocando-se à disposição dos participantes para quaisquer esclarecimentos acerca de como responder. Apesar de a aplicação ter sido realizada em ambientes coletivos de sala de aula, os questionários foram respondidos individualmente. Procurou-se indicar aos estudantes que sua participação era voluntária, não existindo respostas certas ou erradas e assegurando o anonimato de sua participação. Todos leram e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido. Foram necessários, em média, 25 minutos para concluir sua participação no estudo.

Análise dos Dados

O SPSS (versão 15) foi utilizado para calcular estatísticas descritivas (média, desvio padrão), além de correlações de *Pearson*, teste *t* e regressão linear múltipla. Por meio do AMOS (versão 7) foi realizada uma *path analysis* (*análise de caminhos*) para testar o modelo teórico de predição de atitudes e intenção de tatuar-se a partir das subfunções valorativas. Esse tipo de análise oferece alguns indicadores de ajuste do modelo teórico aos dados empíricos, sendo os seguintes mais amplamente considerados e, por isso, aqui tidos em conta (Byrne, 2001; Tabachnick & Fidell, 2006):

1) o χ^2 (*qui-quadrado*), que testa a probabilidade de o modelo teórico se ajustar aos dados; quanto maior este valor pior o ajustamento. Esse, por ser sensível ao tamanho da amostra (amostras grandes, isto é, $n > 200$), deve ser interpretado com alguma reserva, valendo-se de sua razão em relação aos graus de liberdade ($\chi^2/g.l.$). Neste caso, valores entre 2 e 3 indicam um ajustamento adequado, sendo considerado aceitável um valor de até 5;

2) o *Goodness-of-Fit Index* (GFI) e o *Adjusted Goodness-of-Fit Index* (AGFI), que variam de 0 a 1, com valores na casa dos 0,90 ou superiores indicando um ajustamento satisfatório;

3) o *Comparative Fit Index* (CFI), que é um índice comparativo, adicional, de ajuste ao modelo, com valores mais próximos de 1 indicando melhor ajuste; aceitam-se valores de 0,90 ou superiores como expressando um modelo ajustado; e

4) a *Root Mean Residual* (RMR) e a *Root-Mean-Square Error of Approximation* (RMSEA), com seu intervalo de confiança de 90% (IC90%), cujos valores devem ser iguais ou inferiores a 0,08 e 0,05, respectivamente; aceitam-se valores de até 0,10. O *Pclose* testa a hipótese de $RMSEA > 0,05$, com nível de significância (*p*) maior do que 0,05 sugerindo sua rejeição.

Resultados

Os resultados são apresentados segundo a ordem das análises realizadas. Portanto, inicialmente, apresentam-se estatísticas descritivas sobre as atitudes frente à tatuagem e as características demográficas dos participantes do estudo. Posteriormente, procura-se apresentar os correlatos valorativos das atitudes frente à tatuagem. Finalmente, é apresentado e testado o modelo hierárquico em que subfunções valorativas explicam as atitudes, e essas, por sua vez, a intenção de tatuar-se.

Atitudes frente à tatuagem e características demográficas

Inicialmente, realizou-se um teste de normalidade para a pontuação total da medida de atitudes frente à

tatuagem. Nesse caso, comprovou-se que essa desvia um pouco da normalidade (Kolmogorov-Smirnov = 0,07; $p = 0,001$; *Skewness* = 0,03 e *Kurtosis* = 0,28), sendo a curva ligeiramente inclinada para a esquerda. Em todo caso, decidiu-se comparar a média observada ($m = -2,1$) com o ponto médio teórico da pontuação total ($m = 0,0$; amplitude de -20 a +20); o resultado indicou que os participantes apresentaram atitudes mais negativas frente ao uso de tatuagem [$t(262) = -4,22$; $p < 0,001$].

Nessa oportunidade, procurou-se ainda verificar se as atitudes frente à tatuagem poderiam diferir com relação a algumas características demográficas dos participantes, a exemplo de sexo e área de conhecimento do seu curso de graduação. Nesse caso, os participantes foram agrupados nas três grandes áreas detalhadas na amostra: *ciências humanas*, *ciências exatas e naturais* e *ciências da saúde*. Procedeu-se então a uma ANOVA (teste *post hoc* de Bonferroni), considerando como

variáveis antecedentes as áreas de conhecimento e sexo; a pontuação total na medida de atitudes frente à tatuagem foi tida como variável critério. Comprovou-se diferença entre os participantes das áreas de *exatas e naturais* ($m = -3,40$; $dp = 8,49$) quando comparados com aqueles da área de *humanas* ($m = 0,20$; $dp = 6,94$), com estes últimos apresentando atitudes mais positivas [$F(2; 254) = 3,07$; $p = 0,05$]. Porém, com relação ao sexo dos participantes não foi identificada qualquer diferença, como também não houve efeito de interação entre sexo e área de conhecimento.

Correlatos valorativos das atitudes frente à tatuagem

Foram realizadas análises de correlação (r de Pearson; teste uni-caudal) entre as atitudes frente à tatuagem (AFT) e as seis subfunções valorativas. Os resultados a respeito podem ser vistos na Tabela 1.

Tabela 1. Correlações entre as atitudes frente à tatuagem e as subfunções valorativas

	<i>m</i>	<i>dp</i>						
1	-2,09	8,03						
2	5,13	1,08	-0,19 **					
3	5,02	0,79	0,16 **	0,05				
4	4,77	0,91	0,02	0,15 **	0,45 **			
5	6,11	0,76	0,01	0,44 **	0,20 **	0,38 **		
6	5,51	0,81	0,10	0,29 **	0,26 **	0,36 **	0,32 **	
7	5,72	0,82	0,07	0,48 **	0,27 **	0,26 **	0,37 **	0,30 **
			1	2	3	4	5	6

Notas: * $p < 0,05$, ** $p < 0,01$ (teste uni-caudal). Identificação das variáveis: 1 = Atitudes frente à tatuagem, 2 = Normativa, 3 = Experimentação, 4 = Realização, 5 = Existência, 6 = Suprapessoal e 7 = Interativa.

Como poderia ser esperado, as subfunções *experimentação* e *normativa* foram as que se correlacionaram mais fortemente com as atitudes frente à tatuagem. Os participantes que deram mais importância aos valores de *experimentação* apresentaram atitudes mais favoráveis frente a esse tipo de modificação corporal, enquanto que aqueles que enfatizaram mais os valores *normativos* foram mais adversos a tal prática. Com base nesses resultados, pretendeu-se estimar o quanto os valores explicam das atitudes frente à tatuagem. Nesse sentido, procedeu-se a uma análise de regressão linear múltipla (método *enter*), tendo as subfunções *normativa* e *experimentação* como variáveis antecedentes e as atitudes como consequente. O resultado mostrou que 7% (R^2) da variância dessas atitudes podem ser explicados em razão destas duas subfunções [$F(2; 260) = 9,40$, $p < 0,001$],

que apresentaram os seguintes pesos de regressão: $\beta = -0,20$ (subfunção *normativa*; $p = 0,001$) e $\beta = 0,17$ (subfunção *experimentação*; $p = 0,01$).

Considerando esses resultados e o modelo hierárquico previamente apresentado para predição de intenção comportamental, decidiu-se testar um modelo explicativo no qual as subfunções valorativas *experimentação* e *normativa* explicam as atitudes frente à tatuagem, que, por sua vez, predizem a intenção de tatuar-se. Os resultados são apresentados a seguir.

Modelo para explicação de atitudes frente à tatuagem e intenção de tatuar-se

Este modelo foi testado por meio de modelagem por equações estruturais. Os achados, de forma geral, demonstram sua adequabilidade, com índices de ajuste considerados aceitáveis: $\chi^2(2) = 2,21$, χ^2/gl

= 1,11, $GFI = 0,99$, $AGFI = 0,99$, $CFI = 0,99$, $RMR = 0,09$ e $RMSEA = 0,02$ (0,00 – 0,13). Neste último caso, o teste *Pclose* indicou que o valor do $RMSEA$

não é estatisticamente superior ao tomado como ponto de corte, isto é, 0,05 ($p = 0,53$). O modelo resultante pode ser visto na Figura 1 a seguir.

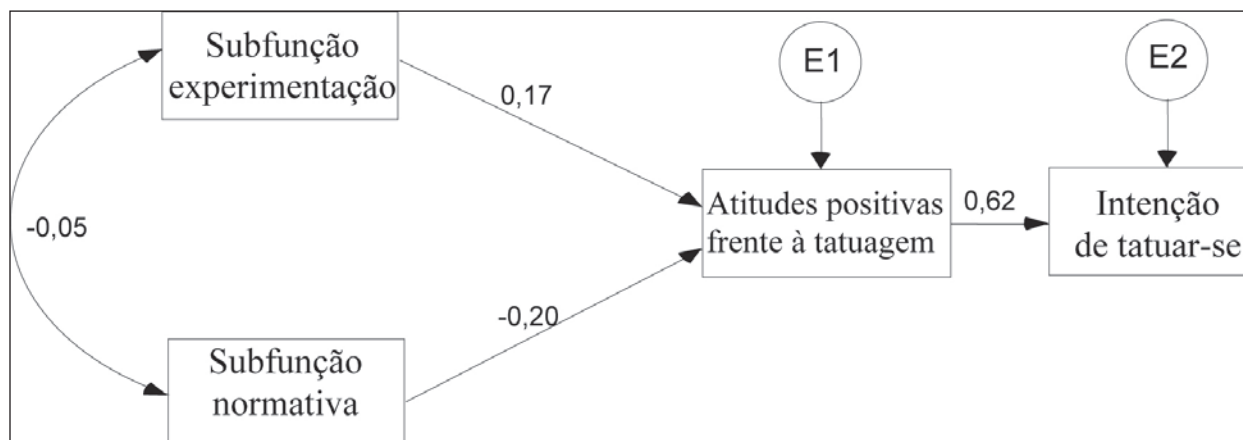


Figura 1. Modelo teórico para explicação da intenção de tatuar-se

É importante frisar que, excetuando a correlação (covariância, Φ , ϕ) entre as subfunções *experimentação* e *normativa*, que não foi estatisticamente diferente de zero ($z < 1,96$, $p > 0,05$), todas as saturações (os lambdas, λ) atenderam este critério ($z > 1,96$, $p < 0,05$). Portanto, existem evidências da adequação do modelo hierárquico testado.

Discussão

O presente estudo teve como objetivo principal conhecer em que medida os valores explicam as atitudes frente à tatuagem e essas predizem o ato de tatuar-se. Confia-se que tal objetivo tenha sido alcançado. Não obstante, pondere-se a natureza da amostra, que considerou exclusivamente estudantes universitários. Possivelmente, atitudes menos favoráveis poderiam ter sido encontradas se fossem consideradas pessoas da população geral, com educação formal mais baixa (Henrich, Heine, & Norenzayan, 2010). Isso, entretanto, é somente uma conjectura, carecendo evidências empíricas; além disso, não invalida os resultados, mas apenas impõe limitações, demandando que o estudo seja replicado em outro contexto. Os resultados principais são nesta oportunidade discutidos.

Apesar de existirem indicações de que o uso de tatuagem tem sido mais frequente nos dias de hoje (Armstrong, 1991; Hawkes et al., 2004), ao menos no Brasil isso não impede que as pessoas, inclusive estudantes universitários que têm presumivelmente uma orientação mais universal e mente aberta (Henrich et al., 2010), apresentem atitudes mais tendentes a negativas frente

a usar tatuagem. Talvez pelo contexto igualitário promovido na Universidade, com papéis similares entre os estudantes, homens e mulheres não se diferenciaram em suas atitudes frente a esse tipo de modificação corporal, mas sim foi preponderante o tipo de curso. Coerente com as especulações feitas no dia a dia, estudantes de humanidades são menos adversos ao uso de tatuagens do que aqueles de áreas mais exatas, tecnológicas.

Como ficou evidenciado no marco teórico, as atitudes frente à tatuagem têm sido associadas com diversos comportamentos desviantes (Armstrong & McConnell, 1994; Armstrong & Murphy, 1997; Braithwaite et al., 2001; Koch et al., 2005). Tais atitudes, como quaisquer componentes psicológicos de natureza social, possuem sustentação evidente em princípios axiológicos (Rokeach, 1973). Esse aspecto foi corroborado no presente estudo, evidenciando-se que as subfunções *normativa* e *experimentação* (orientações axiológicas apolínea e diônísica, respectivamente; Kluckhohn, 1951) são a base das atitudes frente à tatuagem. No caso, coerente com a *teoria funcionalista dos valores humanos* (Gouveia et al., 2008), os valores *normativos* favorecem atitudes negativas enquanto os de *experimentação* endossam aquelas mais positivas. Esse padrão de correlação é similar em termos da explicação de atitudes e comportamentos não-convencionais (Pimentel, 2004; Santos, 2008), como é possível que ainda possa ser percebido o uso de tatuagem no contexto brasileiro.

As atitudes são concebidas como boas preditoras do comportamento em si, mais precisamente da intenção de comportar-se (Ajzen & Fishbein, 2005; Ajzen & Sexton, 1999). Não obstante, apesar de a *Te-*

oria da Ação Racional e a Teoria da Ação Planejada, advogadas principalmente por Icek Ajzen, terem sido amplamente usadas como referência quando o propósito é prever intenções de comportamento, destaca-se que elas apresentam limitações quando se trata de prever comportamentos moralmente orientados (Coelho, Gouveia, & Milfont, 2006). A propósito, certamente falta um componente axiológico, permitindo explicar as próprias atitudes; nesse caso, reconhece-se a relevância dos valores humanos (Ros, 2006). Portanto, admitir um modelo triádico (Homer & Kahle, 1988), em que os valores são a base das atitudes e essas predizem a intenção comportamental, parece necessário. Esse tem sido comprovado previamente (Milfont et al., no prelo), sendo oferecidas nesta oportunidade evidências de sua adequação no que se refere às atitudes frente à tatuagem e seu uso.

Há que se ressaltar que diversos estudos foram realizados acerca do uso de tatuagens e atitudes frente a essas (por exemplo, Armstrong et al., 2008; Lick et al., 2005; Satchithananda et al., 2001; Shebani et al., 2007). Contudo, predominam na área pesquisas exploratórias e descritivas, sem garantir um aporte teórico consistente (Atkinson, 2002). Também há indícios acerca da relação entre as atitudes frente à tatuagem e os valores humanos (Huxley & Gogan, 2005; Koch et al., 2004a, 2004b; Stupy et al., 1998), mas nenhum estudo até então tinha partido de um modelo teórico específico acerca dos valores. Provavelmente, duas das inovações principais da presente pesquisa tenham sido precisamente estas: (1) considerar uma explicação das atitudes frente à tatuagem a partir do modelo hierárquico (Homer & Kahle, 1988) e (2) tomar como referência a teoria funcionalista dos valores (Gouveia et al., 2008).

Finalmente, o estudo ora apresentado não encerra esta temática. Além de replicá-lo em amostra diversificada, considerando participantes de outras cidades e extratos populacionais, caberia, por exemplo, conhecer em que medida usar tatuagem ou ter alguém efetivamente próximo (irmão, tio) influenciaria as atitudes das pessoas a respeito. Poder-se-ia ainda indagar acerca de como as crianças percebem o uso da tatuagem, muitas vezes cultuado a partir de adesivos em gomas de mascar ou pinturas de hena. Essas questões deverão atrair a atenção de pesquisadores interessados no tema das tatuagens e seus correlatos psicológicos e sociais.

Nota

* O presente artigo contou com apoio do CNPq por meio de bolsa de Produtividade em Pesquisa concedida ao primeiro autor; o segundo autor contou com bolsa de Doutorado (Demanda Social) da CAPES. Os autores agradecem a estas duas instituições.

Referências

- Ajzen, I. (2001). Nature and operation of attitudes. *Annual Review Psychology*, 52, 27-58.
- Ajzen, I. & Fishbein, M. (2005). The influence of attitudes on behavior. In D. Albarracín, B. T. Johnson, & M. P. Zanna (Orgs.), *The handbook of attitudes* (pp. 173-221). New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Ajzen, I. & Sexton, J. (1999). Depth of processing, belief congruence, and attitude-behavior correspondence. In S. Chaiken & Y. Trope (Orgs.), *Dual process theories in social psychology* (pp. 117-138). New York: Guilford.
- Allen, M. W., Ng, S. H., & Wilson, M. (2002). A functional approach to instrumental and terminal values and the value-attitude-behavior system of consumer choice. *European Journal of Marketing*, 36, 111 – 138.
- Anderson, R. R. (1992). Tattooing should be regulated. *New England Journal of Medicine*, 326, 207.
- Armstrong, M. L. (1991). Career-oriented women with tattoos. *Journal of Nursing Scholarship*, 23, 215 – 220.
- Armstrong, M. L. (2005). Tattooing, body piercing, and permanent cosmetics: a historical and current view of state regulations, with continuing concerns. *Journal of Environmental Health*, 67, 38-43.
- Armstrong, M. L., DeBoer, R. N., & Cetta, F. (2008). Infective endocarditis after body art: A review of the literature and concerns. *Journal of Adolescent Health*, 43, 217-225.
- Armstrong, M. L. & McConnell, C. (1994). Tattooing in adolescents, more common than you think: The phenomenon and risks. *Journal of School Nursing*, 10, 22-29.
- Armstrong, M. L. & Murphy, K. P. (1997). Tattooing: Another adolescent risk behavior warranting health education. *Applied Nursing Research*, 10, 181-189.
- Atkinson, M. (2002). Pretty in ink: Conformity, resistance, and negotiation in women's tattooing. *Sex Role*, 47, 219-235.
- Bardi, A. & Schwartz, S. H. (2001). Values and behavior: Strength and structure of relations. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29, 1207-1220.
- Beyrer, C., Jittiwutikarn, J., Teokul, W., Razak, M. H., Suriyanon, V., Srirak, N., Vongchuk, T., Tovanabutra, S., Sripaipan, T., & Celentano, D. D. (2003). Drug use, increasing incarceration rates, and prison-associated HIV risk in Thailand. *AIDS and Behavior*, 7, 153-161.
- Braithwaite, R., Robillard, A., Woodring, T., Stephen, T., & Arriola, K. J. (2001). Tattooing and body piercing among detainees: Relationship to alcohol and other drug use. *Journal of Substance Abuse*, 13, 5-16.
- Brooks, T. L., Woods, E. R., Knight, J. R., & Shrier, L. A. (2003). Body modification and substance use in adolescents: Is there a link? *Journal of Adolescent Health*, 32, 44-49.
- Byrne, B. M. (2001). *Structural equation modeling with Amos: Basic concepts, applications, and programming*. New York: Springer-Verlag.
- Carroll, S. T., Riffenburgh, R. H., Roberts, T. A., & Myhne, E. B. (2002). Tattoos and body piercings as indicator of adolescent risk-taking behavior. *Pediatrics*, 109, 1021-1027.
- Cetta, F., Graham, L. C., Lichtenberg, R. C., & Warnes, C. A. (1999). Piercing and tattooing in patients with congenital heart disease: Patient and physician perspectives. *Adolescent Health Brief*, 24, 160-162.
- Coelho, J. A. P. M., Gouveia, V. V., & Milfont, T. L. (2006). Valores humanos como explicadores de atitudes ambientais

- e intenção de comportamento pró-ambiental. *Psicologia em Estudo*, 11, 199-207.
- Deschesnes, M., Finès, P., & Demers, S. (2006). Are tattooing and body piercing indicators of risk-taking behaviours among high school students? *Journal of Adolescence*, 29, 379-393.
- Estephen J., Durkin, K., Parry, E., Turbett, Y., & Odgers, P. (1996). Amateur tattooing practices and beliefs among high school adolescents. *Journal of Adolescent Health*, 19, 420-425.
- Google. (2009). *Uso de tatuagem*. Acesso em 06 de março, 2009, em <http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&q=%22uso+de+tatuagem%22&meta=cr%3DcountryBR>
- Gouveia, V. V. (2003). A natureza motivacional dos valores humanos: Evidências acerca de uma nova tipologia. *Estudos de Psicologia*, 8, 431-443.
- Gouveia, V. V., Fischer, R., Milfont, T. L., & Santos, W. S. (2008). Teoria Funcionalista dos valores humanos. In Teixeira, M. L. M. (Org.), *Valores humanos e gestão* (pp. 47-80). São Paulo: Editora Senac.
- Greif, J., Hewitt, W., & Armstrong, M. L. (1999). Tattooing and body piercing: Body art practices among college students. *Clinical Nursing Research*, 8, 368-385.
- Grumet, G. W. (1983). Psychodynamic implications of tattoo. *American Journal of Orthopsychiatry*, 53, 482-492.
- Hawkes, D., Senn, C. Y., & Thorn, C. (2004). Factors that influence attitudes toward women with tattoos. *Sex Roles*, 50, 593-604.
- Henrich, J., Heine, S. J., & Norenzayan, A. (2010). The weirdest people in the world? *Behavioral and Brain Sciences*, 33, 61-83.
- Homer, P. M. & Kahle, L. R. (1988). A structural equation test of the value-attitude-behavior hierarchy. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 638-646.
- Houghton, S., Durkin, K., Parry, E., Turbett, Y., & Odgers, P. (1996). Amateur tattooing practices and beliefs among high school adolescents. *Journal of Adolescent Health*, 19, 20-425.
- Huxley, C. & Grogan, S. (2005). Tattooing, piercing, healthy behaviours and health value. *Journal Health Psychology*, 10, 831-841.
- Inglehart, R. (1991). *El cambio cultural en las sociedades industriales avanzadas*. Madrid: Siglo XXI.
- Kluckhohn, C. (1951). Values and value orientations in the theory of action. In T. Parsons & E. Shils (Eds.), *Toward a general theory of action* (pp. 388-433). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Koch, J. R., Roberts, A. E., Armstrong, M. L., & Owen, D. C. (2004a). Correlations of religious belief and practice with college student's tattoo-related behavior. *Psychological Reports*, 94, 425-430.
- Koch, J. R., Roberts, A. E., Armstrong, M. L., & Owen, D. C. (2004b). Religious belief and practice in attitudes toward individuals with body piercing. *Psychological Reports*, 95, 583-586.
- Koch, J. R., Roberts, A. E., Armstrong, M. L., & Owen, D. C. (2005). College students, tattoos, and sexual activity. *Psychological Reports*, 97, 887-890.
- Koch, J. R., Roberts, A. E., Armstrong, M. L., & Owen, D. C. (2007). Frequencies and relations of body piercing and sexual experience in college students. *Psychological Reports*, 101, 159-162.
- Lick, S. D., Edoize, S. N., Woodside, K. J., & Conti, V. R. (2005). Streptococcus viridans endocarditis from tongue piercing. *Journal of Emergency Medicine*, 29, 57-59.
- McCarron, K. (1999). Tattoos and heroin: A literary approach. *Body & Society*, 5, 305-315.
- Medeiros, E. D., Gouveia, V. V., Pimentel, C. E., Soares, A. K. S., & Lima, T. J. S. (2009). *Escala de atitudes frente à tatuagem (EAFT): elaboração e evidências de validade e precisão*. Manuscrito submetido à publicação.
- Milfont, T. L., Duckitt, J., & Wagner, C. (no prelo). A cross-cultural test of the value-attitude-behavior hierarchy. *Journal of Applied Social Psychology*.
- Nedden, D. N., Wicke, K., Knapp, R., Seidler, K., Wilfing, H., Weber, G., Spindler, K., Murphy, W. A., Hauser, G., & Platzer, W. (1994). New findings on the Tyrolean "Ice Man": Archaeological and CT-Body analysis suggest personal disaster before death. *Journal of Archaeological Science*, 21, 809-818.
- Pérez, A. L. (2006). A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. *Mana*, 12, 179-206.
- Pimentel, C. E. (2004). *Valores humanos, preferência musical, identificação grupal e comportamento social*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Putnins, A. (2002). Young offenders, tattoo and recidivism. *Psychiatry, Psychology and Law*, 9, 62-68.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.
- Ros, M. (2006). Psicologia social dos valores humanos: uma perspectiva histórica. In M. Ros & V. V. Gouveia (Orgs.), *Psicologia social dos valores humanos: desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados* (pp. 23-53). São Paulo: Editora Senac.
- Sabino, C. & Luz, M. T. (2006). Tatuagem, gênero e lógica da diferença. *Physis*, 16, 251-272.
- Santos, W. S. (2008). *Explicando comportamentos socialmente desviantes: Uma análise do compromisso convencional e afiliação social*. Tese de Doutorado, Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Satchithananda, D. K., Walsh, J., & Schofield, P. M. (2001). Bacterial endocarditis following repeated tattooing. *Heart*, 85, 11-12.
- Schwartz, S. H. (1994). Are there universal aspects in the structure and contents of human values? *Journal of Social Issues*, 50, 19-45.
- Shebani, S. O., Miles, H. F. J., Simmons, P., & De Giovanni, J. V. (2007). Awareness of the risk of endocarditis associated with tattooing and body piercing among patients with congenital heart disease and pediatric cardiologists in the United Kingdom. *Archives of Disease in Childhood*, 92, 1013-1014.
- Stuppy, D. J., Armstrong, M. L., & Casals-Ariet, C. (1998). Attitudes of health care providers and students towards tattooed people. *Journal Advanced Nursing*, 27, 1165-1170.
- Tabachnick, B. & Fidell, L. S. (2006). *Using multivariate statistics* (5ª ed.). New York: Harper Collins.
- Teixeira, D. P. (2006). *Intensidades corporais e subjetividades contemporâneas: uma reflexão sobre o movimento da body modification*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.
- Vail, A. (1999). Tattoos are like potato chips ... you can't have just one: The process of becoming a tattoo collector. *Deviant Behavior*, 20, 253-273.
- Vasconcelos, T. C. (2004). *Personalidade, valores e condutas anti-sociais de jovens*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

Watkins, D. (1989). The role of confirmatory factor analysis in cross-cultural research. *International Journal of Psychology*, 24, 685-701.

Recebido em: 18/03/2009

Revisão em: 29/06/2010

Aceite em: 22/07/2010

Valdiney V. Gouveia é Doutor em Psicologia Social pela Universidade Complutense de Madri. Pesquisador 1B do CNPq. Professor Associado da Universidade Federal da Paraíba. Endereço: Departamento de Psicologia/CCHLA, UFPB, João Pessoa/PB, Brasil. CEP 58.051-900. Email: vvgouveia@gmail.com

Emerson Diógenes de Medeiros é Doutorando em Psicologia Social na UFPB e Professor da Universidade Federal do Piauí, Parnaíba, Brasil.

Luís Augusto de Carvalho Mendes é Mestrando em Psicologia Social na UFPB, João Pessoa, Brasil.

Kátia Correa Vione e Rebecca Alves Aguiar Athayde são Graduandas em Psicologia na UFPB, João Pessoa, Brasil

Como citar:

Gouveia, V. V., Medeiros, E. D., Mendes, L. A. C., Vione, K. C., & Athayde, R. A. A. (2010). Correlatos valorativos de atitudes frente à tatuagem. *Psicologia & Sociedade*, 22(3), 476-485.